

JOSÉ CASADO

Próxima escala, Brasília



Contrariando toda a lógica, o Brasil de Fernando Henrique Cardoso ocupa uma posição marginal

Ele chegou. Foi pura emoção em Buenos Aires, Montevideú, Nova York, Lisboa, Madri, Bruges, Macau, Pequim e na exótica Abu Dabi. Contam-se 16 invejáveis roteiros transcontinentais.

Fica pouco tempo. Adora avião e já vai partir. Espera uma quinzena do novo ano. Aí, Paramaribo, Nova Delhi, Tóquio, outra vez Buenos Aires.

Em breve irá a Moscou. Ali, recomenda-se uma escapada a Rostov, nas redondezas. É puro deslumbre arquitetônico do século 17, talhado em pedra pelos melhores artistas do Volga, convocados por comida, vinho, dinheiro e mulheres de um rico comerciante nativo, Jonas Syssoiévitch. Ele queria proteger os tesouros nas igrejas.

Talvez essa futura viagem à Rússia — ainda sem data — mereça um pouco mais de reflexão preparatória. Aos olhos de um brasileiro, a federação governada pelo ébrio Bóris Yeltsin surge como uma instigante referência geopolítica.

Sua população e seu produto interno bruto (PIB) são menores que os do Brasil. Não conseguiu domar a inflação, a moeda local continua uma abstração, o capita-

lismo é primitivo, o complexo industrial-militar não conseguiu se reciclar e o banho de sangue étnico-religioso avança ao redor de Moscou.

O país do beberão Yeltsin é a antítese do Brasil de Fernando Henrique Cardoso, pela lógica das condições propícias à multiplicação do capital, ao desenvolvimento econômico, social e político. Mas, contrariando toda a lógica, o Brasil de Fernando Henrique permanece

ocupando uma posição peculiarmente marginal, sob todos os aspectos relevantes.

Quando sóbrio, Yeltsin é convidado para a mesa de chá dos presidentes das nações mais ricas, sem voto, mas com direito a voz no debate econômico do Grupo dos Sete (EUA, Japão, Alemanha, França, Inglaterra, Itália e Canadá).

Quando desce do avião, em Nova York ou Kuala Lumpur, Fernando Henrique procura os microfones disponíveis para reafirmar a já meio-centenária "candidatura" do Brasil a uma cadeira no Conselho de Segurança da Organização das Nações Unidas (ONU) — espécie de politburo da diplomacia internacional, atual fetiche dos funcionários de quase todas chancela-

rias do Hemisfério Sul.

Há muito mais que um arsenal nuclear e o equilíbrio geopolítico do Leste europeu a fazer a diferença de importância, aos olhos do mundo, entre a Rússia de Yeltsin e o Brasil de Fernando Henrique.

Aqui formou-se a maior sociedade do Hemisfério Sul, mas sua desimportância histórica e política para o planeta tem origem na atualíssima indiferença da elite nativa na construção da identidade e do patrimônio cultural do País.

O Brasil que produziu Machado de Assis, na definição de historiadores como Perry Anderson o mais talentoso escritor que viveu fora da Europa no século 19, ainda o mantém na clandestinidade, dentro e fora das fronteiras. Esse mesmo país está entrando na última quadra do milênio com uma pornográfica quota de analfabetismo e uma africana concentração de renda.

Viagens presidenciais ao Exterior costumam obedecer a rituais políticos e, por princípio, têm importância protocolar. Fernando Henrique fez 16 neste 1995, como chefe eleito de uma democracia em construção, com um mercado de quase duas centenas de milhões de consumidores.

Supõe-se que governos sérios mantenham uma bagagem preparada com algo mais do que declarações de amizade aos povos — tendo, no mínimo, um projeto de política externa, com objetivos bem de-

finidos que se traduzam na afirmação do país como parte fundamental da comunidade mundial.

No conjunto, o que se viu foram périplos protocolares. Uma exceção, em abril, nos Estados Unidos, quando chegou a apresentar o esboço de algumas propostas realistas de negociação com o Grupo dos Sete (mecanismos diplomáticos para prevenção de conflitos regionais e mudanças operacionais nas agências internacionais de comércio e financiamento).

Talvez pela falta de êxito imediato, no resto do tempo o presidente dividiu-se entre o protocolo, as lentes da televisão e o velho problema enfrentado pelos seus antecessores: o que dizer lá fora?

Uma ida a Moscou talvez ajude. Fernando Henrique teria a chance de ver a confirmação de dois fatos: um é que o fim da guerra fria não redundou na recriação da realidade; o outro é que a "nova ordem" internacional está sendo erguida sobre as vulnerabilidades políticas e econômicas dos Estados Unidos — o que abre oportunidades reais para países como o Brasil e a Rússia.

Corre o risco de sair de lá convencido de que o problema, na vida real, é de competência na articulação de um projeto interno de governo, capaz de sustentar uma ação objetiva de política externa. Brasília se tornaria, então, a próxima e óbvia escala.